

# Resistência política pela voz de Álvaro Tukano: a transmissão do saber ancestral

Rubens Queiroz Dias<sup>1</sup>  
Izabela Guimarães Guerra Leal<sup>2</sup>

## Resumo

Compreender as textualidades indígenas é tarefa fundamental no combate ao preconceito e à marginalização dos povos nativos do Brasil, visto que os autóctones vêm sendo estigmatizados e oprimidos durante séculos no país. Nesse contexto, este artigo busca discutir a importância da coleção *Tembetá: vozes da resistência* enquanto produção inteiramente voltada aos indígenas. Dessa forma, o volume da coleção escolhido para análise traz Álvaro Tukano como protagonista, ativista da etnia Tukano e um dos maiores líderes do Movimento Indígena.

Palavras-Chave: Álvaro Tukano; Coleção Tembetá; Textualidades indígenas.

## 1. Introdução

A priori, é pertinente ressaltar que os estigmas associados aos indígenas têm início no século XVI com a vinda do colonizador europeu - portugueses, franceses, holandeses entre outros - para estas terras, no intuito de expandir seus impérios e encontrar novas fontes de recursos naturais. Assim, de acordo com Matos (2010), uma das formas usadas pelo homem branco para silenciar os nativos era suprimindo a língua nativa e suas manifestações culturais, tais como os cantos e as narrativas tradicionais.

Embora colonizadores como os padres jesuítas tenham se empenhado em descrever e sistematizar a língua tupi, por exemplo, esse interesse não visava dar voz ao nativo, mas somente catequizá-lo. A língua nativa passa a ser instrumento da catequese e da dominação, servindo aos intentos do explorador lusitano. Não havia um real desejo por parte do explorador em estudar as riquíssimas produções poéticas orais das populações originárias, conforme atesta Cláudia Neiva de Matos (2010):

Várias crônicas de viajantes, nos séculos XVI e XVII, como o Tratado descritivo do Brasil de Gabriel Soares de Sousa em 1587, referem-se à veia musical e poética dos índios, particularmente, os do grupo tupi, habitantes dos primeiros territórios atingidos pelo homem branco. Entretanto, nenhum documento das textualidades indígenas é produzido por esses viajantes, salvo algumas raras exceções pouco dignas de fé etnológica, como no caso de Jean de Léry. Quanto aos missionários da

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras (Habilitação Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Pará. Membro do grupo de pesquisa “Tradução e Recepção”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Izabela Guimarães Guerra Leal. E-mail: rubens.dias@ilc.ufpa.br

<sup>2</sup> Doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do curso de Letras (Habilitação Língua Portuguesa) da UFPA e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. E-mail: izabelaleal@gmail.com

Companhia de Jesus que se consagram ao estudo das línguas autóctones, servem-se delas somente para abrir caminho à evangelização do gentio. Gramáticas, vocabulários e descrições formuladas na época silenciam sobre as textualidades indígenas (MATOS, 2010, p. 437).

Somente a partir do século XIX, com o advento da Independência, alguns escritores dão destaque aos indígenas, tornando-os personagens de seus poemas e romances, porém, é importante pontuar que, de acordo com Cláudia Neiva de Matos (2010), o elemento indígena no Romantismo, com exceções, parece apontar para a exclusão do indígena na [...] “história presente e futura, ou seja, figura ou prefigura a extinção do povo indígena”. (MATOS, 2020, p.438). Assim, os termos “exclusão” e “extinção” acabam por refletir a posição segundo a qual os povos originários são majoritariamente retratados em obras literárias do romantismo brasileiro, ao contrário do que poderia ter ocorrido, pois, de acordo com Bosi (1992),

[...] o esperável seria que o índio ocupasse, no imaginário pós-colonial, o lugar que lhe competia, o papel de rebelde. Era, afinal, o nativo por excelência em face do invasor; o americano, como se chamava, metonimicamente, versus o europeu (BOSI, 1992, p.177).

No entanto, essa expectativa apontada por Alfredo Bosi não se cumpriu, o que demonstra que, na verdade, a literatura romântica atribuiu ao indígena um caráter submisso, ao invés do feitiço rebelde. Assim se dá em duas das maiores obras alencarianas: *Iracema* e *O Guarani*. Acerca da representação do indígena em Alencar, se evidencia a íntima comunhão do nativo com o colonizador, pois Peri é “literal e voluntariamente, escravo de Ceci, a quem venera como sua Iara, senhora, e vassalo fidelíssimo de dom Antônio”. (BOSI, 1992, p.177). Já no final do romance, o fidalgo batiza Peri, o qual passa a se chamar Arnaldo Louredo Campeio. Conforme Bosi (1992), para o fidalgo Antônio de Mariz, a submissão de Peri à cultura eurocêntrica era a condição necessária para conceder ao nativo a honra de salvar a filha da morte certa a que os Aimoré tinham condenado os moradores do solar.

Dessa forma, nas histórias de Peri e de Iracema, por exemplo, a entrega do indígena ao branco é incondicional, faz-se de corpo e alma, implicando sacrifício e abandono da sua pertença à comunidade de origem. Uma partida sem retorno. Esse modo de operar de alguns autores românticos diz muito sobre a forma como “homens letrados” e as classes dominantes dos oitocentos compreendiam o homem nativo, o qual é obrigado a abdicar de sua cultura, sua língua, suas crenças, em prol daquelas trazidas pelo colonizador.

Nas últimas décadas do século XIX surgem, de acordo com Matos (2010, p.439), [...] “as primeiras iniciativas mais ou menos sistemáticas e de pretensão mais ou menos científica, de investigar e documentar as culturas autóctones”. Desde então, etnógrafos, historiadores,

sertanistas, folcloristas, antropólogos, bem como outros entusiastas das ciências sociais registraram narrativas indígenas, analisadas com os instrumentos das genealogias evolucionistas, da antropologia estrutural, da linguística e da história das religiões.

Assim, as investigações crescem substancialmente no século XX, sendo a documentação ampliada por sertanistas tais como Marechal Rondon e os irmãos Orlando, e grande número de etnógrafos contemporâneos como Claude Lévi-Strauss, Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro, Carmen Junqueira, Lux Vidal etc. A partir deste momento, os antropólogos interessam-se, principalmente, pela área do estudo dos mitos, a mitologia. Esta é usada como principal instrumento para compreender [...] “o pensamento e língua denominados ‘selvagens’” (MATOS, 2010, p.439). Como resultado dessas investigações, grande quantidade de documentos relacionados aos relatos e histórias de antigamente enriquecem a perspectiva etnográfica, embora a reflexão estilístico-literária se mantenha ainda ausente nessa fase dos estudos das narrativas indígenas, os quais se atêm a aspectos puramente formais.

De posse desta farta documentação mitológica, os modernistas, objetivando romper com o que julgavam ser estruturas artístico-literárias arcaicas e eurocêntricas, predominantes no início do século XX, passam a produzir literaturas fortemente influenciadas pela cultura autóctone, mas ainda de forma demasiado distante do que vem a ser uma poética indígena.

## 2. Álvaro Tukano: sua trajetória no ativismo indígena

Em entrevista concedida a Kaka Werá, e que compõe a primeira parte do volume da Coleção *Tembetá*, aqui analisado, Álvaro rememora o momento em que seu pai é pressionado por missionários cristãos a abandonar as tradições do povo *Ye'pa Masa* (Tukano). Segundo ele,

Meu pai preferiu fazer outra coisa: para manter as tradições, percebeu que precisava tratar com os colonizadores, e me colocou no colégio para aprender a ler e escrever, para poder defender melhor um diálogo com nossos pontos de vista estratégicos, para poder falar de nossas coisas, tecer novos aliados entre nós, e dizer claramente que os nossos valores têm que ser mantidos por nós. (TUKANO, 2017, p.15).

Dessa forma, Álvaro é orientado, desde a mais tenra idade (dez anos), a se apropriar dos saberes do colonizador para defender a cultura autóctone. Já adulto, na década de 70, e consciente da ineficiência e descaso de órgãos governamentais voltados à proteção das populações indígenas, como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), controlada pelos militares à época da ditadura (1964-1985), se torna uma das vozes mais combativas e influentes do movimento em defesa dos povos autóctones, tal como outros grandes líderes,

como Mario Juruna, Ailton Krenak, Kaka Werá e Davi Kopenawa. (DORRICO; DANNER, 2018).

É dessa forma que “o filho do rio negro” (TUKANO, 2017, p.45) se torna vice-presidente da União das Nações Indígenas, no decorrer dos primeiros anos da década de 1980 e, mais tarde, fundador da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, em cooperação com outros líderes indígenas.

De fato, conforme atestam Dorrigo e Danner (2018), o movimento indígena surge e se consolida justamente no contexto da ditadura [...] “como reação aos projetos de desenvolvimento por ela fomentados, especialmente a expansão colonizatória, agrícola e mineradora no Centro-Oeste e Norte do Brasil”. (DORRICO; DANNER, 2018, p. 256).

Diante do exposto, é evidente a necessidade de conscientização dos não indígenas para as problemáticas enfrentadas, historicamente, por essas populações tradicionais, a fim de valorizar seu patrimônio artístico-cultural milenar e desconstruir uma série de estigmas e preconceitos perpetuados pela cultura de massa ocidental, pois, como reflete Tukano (2017)

Tem muitos lugares que quando alguém via o índio pintado, eles debochavam. Então, o índio tinha medo de se pintar. Hoje, vejo com muita alegria as crianças se pintando, participando das festas, aprendendo os cânticos, as línguas, que eles praticam nas suas escolas. (TUKANO, 2017, p.27).

Destarte, como defende Tukano (2017), o Brasil só se modernizará no momento em que valorizar em seus programas educativos as leis de proteção dos povos autóctones e, também, de outros grupos minoritários, os quais devem igualmente ser respeitados e valorizados. Para isso, o ativismo em defesa da implementação dessas importantes medidas emancipatórias dos povos há muito silenciados deve ser exercido de maneira pacífica e sistemática, pois, conforme Álvaro Tukano [...] “temos que saber defender os nossos direitos com sorrisos, falando de nossas línguas. Traduzindo as nossas obras literárias, que não eram escritas antigamente, mas orais, cantadas”. (TUKANO, 2017, p.27).

### **3. Literaturas indígenas do Brasil**

No tocante às artes verbais tradicionais indígenas, é fundamental discorrer sobre as duas grandes práticas discursivas integrantes das culturas indígenas e que podem ser consideradas formadoras de um patrimônio literário: as narrativas e os cantos indígenas, sendo a maior parte desse acervo pertencente à tradição oral, como pontua Matos (2010).

As narrativas indígenas podem ser classificadas em dois grandes grupos: histórias de hoje e histórias de antigamente. As histórias de hoje são concebidas como narrativas

históricas, que discorrem sobre fatos e eventos ocorridos no tempo presente, como as lutas pela demarcação das terras indígenas, denúncia às ilegalidades do agronegócio e ações inescrupulosas de mineradoras, entre outros.

Já no tocante às histórias de antigamente, essas são definidas como [...] “narrativas originadas da oralidade performática e mítica, geralmente de autoria coletiva, que tratam de fatos e acontecimentos situados no “tempo de antigamente”, também chamado de presente anterior ou tempo mítico”. (GUESSE, 2011, p.3). Nesse sentido, existem as histórias de criação do mundo, da humanidade e dos animais, bem como dos alimentos existentes na terra, tais como a mandioca, o milho e o guaraná, geralmente relatadas com acompanhamento de gesticulação e dramatização do narrador que realiza uma performance a seu receptor, o ouvinte. (MATOS, 2010).

Outra prática discursiva de que trata Cláudia Neiva de Matos (2010) acerca das artes verbais tradicionais indígenas está relacionada aos cantos ameríndios. De acordo com a autora, esses são entoados de forma tal que as palavras se associam intimamente [...] “ao gesto, à voz, à encenação, ao *corpo*”. (MATOS, 2010, p.455). Por esse motivo, quando traspostos da oralidade para a escrita, se perdem muitos aspectos do texto originário (oral), principalmente aqueles relacionados à musicalidade e à performance. Ademais, segundo Moreira, [...] “as palavras adornadas, inspiradas, são o que em sua linguagem e cultura mais se aproxima da poesia, em termos de aspectos sonoros e metafóricos” (2019, p.78), embora o conceito de *poesia* seja ocidental e, portanto, estranho aos povos ameríndios. De fato, [...] “as vozes indígenas são de cânticos muito bonitos, que falam do mundo” (TUKANO, 2017, p.27). Assim, Matos (2010) elenca algumas obras paradigmáticas em se tratando dessas manifestações poéticas dos povos originários, tais como

[...] os cantos Ariti coletados por Cândido Rondon e João Barbosa Faria em *Esboço gramatical; vocabulário; lendas e cânticos dos índios Ariti (Pareci) (1948)*. [...] cantos xamanísticos Kadiwéu apresentados por Darcy Ribeiro em *Kadiwéu; ensaios etnológicos sobre o saber, o azar, e a beleza (1980)*; um canto de pajé em *Araweté; o povo do Ipixuna*, de Eduardo Viveiros de Castro (1992). (MATOS, 2010, p.438).

Do mesmo modo, se deve destacar o relevante papel da literatura indígena contemporânea como instrumento de militância política para denunciar os ataques cometidos pelos colonizadores contra os povos indígenas. Além disso, esse fazer literário também é uma forma eficaz de “compartilhar com os parentes e com os não indígenas a nossa história de resistência, as nossas conquistas, os desafios, as derrotas, as vitórias”, como afirma Graça Graúna (2012, p.275), escritora de descendência indígena. Como afirma Guesse, “tem

ocorrido em nosso país um movimento recente, porém firme e determinado de formação do que poderíamos chamar de ‘literatura indígena contemporânea’”. (GUESSE, 2011, p.1).

Dessa forma, ainda segundo Guesse (2011), é notável a crescente produção de literatura na modalidade escrita, por autores individualizados, tendo por destaque nomes como Álvaro Tukano, Daniel Munduruku, Graça Graúna, Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Cássio Potiguara, Olívio Jekupé, Yagrarê Yamã, Darlene Taukane, Naine Terena, Edson Brito (kayapó), dentre muitos outros. Já entre aquelas de autoria coletiva, devem-se ressaltar as produções dos povos Guarani, Maxakali, Yanomami, Kiriri, Desana-ware, Satare-mawe, Kaxinawá.

#### 4. Coleção Tembetá: Álvaro Tukano

Organizada por Kaka Werá, a coleção *Tebetá* teve sua 1ª edição publicada em 2017, pela editora Azougue, e é fruto de um movimento político que busca dar voz a pensadores, ativistas, artistas e lideranças indígenas, os quais lutam pelos direitos dos povos originários no Brasil. Segundo Werá (2017), a palavra *Tebetá* é de origem tupi e refere-se a um adorno usado no lábio inferior no rito de passagem que indica maturidade e capacidade de pensar e falar pelo seu povo.

Essa definição é sugestiva e esclarece o papel desempenhado por títulos de autoria indígena no âmbito do ativismo. Esses autores alcançaram um grau de maturidade que os torna capazes de pensar e falar pelo seu povo. É nesse lugar que reside a autoetnografia. Após séculos de silenciamentos e opressão, os indígenas falam por si, são autores de sua própria história, e defendem sua cultura milenar, por meio da escrita, pois “o texto escrito é um documento naquilo que implica a manutenção dos valores culturais, ao mesmo tempo em que é um gesto do protagonismo desses agentes sociais” [...] (SILVA JÚNIOR, 2020, p.20).

O protagonista de uma das edições da coleção é Álvaro Tukano, nascido em 3 de novembro de 1953, no município de São Gabriel da Cachoeira, alto rio Negro, AM. Pertencente à etnia Tukano (*Ye'pa - Masa*), é um dos mais notáveis líderes do movimento indígena e crítico do colonialismo imposto pelas instituições dominantes (Igreja e Estado) aos seus “irmãos e parentes” (TUKANO, 2017), o que resultou em perdas culturais irreversíveis e traumáticas para ele e seu povo, conforme narra no excerto a seguir:

Tudo isso foi atacado pelos colonizadores: nossa maneira de entender, compreender e defender o nosso mundo tribal. E nós resistimos de uma maneira diferente e somos divididos pelos missionários. Muitos novos indígenas destruíram suas malocas tradicionais e as casas comunais e no lugar delas levantaram igrejas nas comunidades (TUKANO, 2017, p.14).

A propósito, a estratégia empregada pelos agentes autocráticos para desestabilizar os povos nativos, destruindo suas malocas, visava atingi-los no cerne de sua organização sociocultural, pois essas grandes barracas simbolizavam a coletividade, o estado de comunhão em que viviam os autóctones. Dessa forma, a voz narrativa de Álvaro Tukano pode ser lida como um resgate dessa concepção comunitária e da cultura tukano, pois

[...] os textos dos índios, e seus livros publicados, fazem-nos enxergar mais uma vez o fenômeno da destituição do sujeito clássico, dono de um suposto saber sobre o literário, em nome da presença do objeto/livro; esse objeto se dá a perceber a partir da subsistência de uma forma-sujeito, uma entidade representativa, muitas vezes plural, que talvez cumpra também o papel de autor (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p.200).

Assim, o tom de veemente denúncia aos abusos cometidos pelo poder cívico-religioso autocrático contra seu povo atravessa a maioria dos momentos da obra que se encontra organizada em três partes: 1) entrevista concedida por Álvaro Tukano a Kaká Werá, Idjahure Kadwéu e Sergio Cohn, onde o entrevistado revisita sua trajetória e reflete sobre os caminhos do movimento indígena ; 2) uma série de textos escritos por Álvaro que narram e refletem sobre o movimento indígena e sua participação nele; e 3) um texto seminal sobre a Cosmogonia Tukano. Assim, ao longo da obra, há uma preocupação do autor em destacar sua biografia, sempre vinculada ao ativismo indígena, de modo que esses dois eixos se interligam constantemente, como demonstra o trecho a seguir:

[...] Em 1964 meu avô morreu, ficou meu pai no lugar dele, e continuou a luta para defender as tradições, fazendo reuniões tribais. [...] A aldeia do meu pai, na terra Balaio, fica a 100 km de São Gabriel, e lá nós continuamos defendendo a nossa história, praticando nossas cerimônias. Então, quando se fala tradição, são as histórias antigas da evolução da humanidade. Nós também tratamos dos cânticos sagrados, nos quais nós falamos de nosso mundo (TUKANO, 2017, p.14).

Conforme o “filho do rio negro” destaca no fragmento anterior, “as histórias antigas da evolução da humanidade” e os “cânticos sagrados” são produções orais fundamentais à tradição de seu povo, de tal modo que Álvaro iguala os cantores e contadores de histórias aos líderes do ativismo indígena, dado o relevante papel que cumprem ao transmitirem essas narrativas e cânticos sagrados orais às novas gerações, divulgando o saber comunitário.

Na terceira e última seção do livro, Álvaro privilegia justamente uma narrativa, a qual se insere no campo das histórias de antigamente, tendo como título “O povo *Masa*: a história dos *Pa'miri Masa Kiti*” (a história da humanidade), que narra a origem de seu povo. A propósito, para os indígenas, os mitos permeiam a vida cotidiana, sendo a base sobre a qual se desenvolvem seus saberes tradicionais, tidos como vozes ancestrais, que orientam e contam

como proceder perante as situações do cotidiano (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004). Segundo Érika Bergamasco Guesse (2011), os mitos são

[...] narrativas que explicam o mundo, os seres, os valores, integrando o real/cotidiano com o suprarreal, mágico, fabuloso, divino, podemos dizer que a realidade indígena é uma realidade ampliada, que relaciona constantemente o real ao sobrenatural. O mundo indígena é intrinsecamente mágico. (GUESSE, 2011, p.9).

Dessa forma, os mitos são resultado de um empenho das sociedades humanas em representar suas histórias de surgimento, bem como responder algumas perguntas fundamentais, tais como: o que são, de onde vieram, e para onde irão (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004) e, conforme atesta a antropóloga Betty Mindlin (2002, p.1), para os indígenas, [...] “a mitologia é a verdadeira história do mundo – não é fantástica nem mito como nós o vemos”.

Portanto, é necessário ressaltar que, ao aprender e aprimorar o domínio da língua portuguesa escrita, diversos povos passaram a desenvolver sistemas de alfabetos escritos em suas próprias línguas de origem, por meio da descrição e documentação, como explica Guesse (2011). Além disso, uma das características mais importantes da literatura escrita indígena é [...] “sua estreita e profunda relação com a tradição oral; são as narrativas tradicionais, as canções e poemas, antes transmitidos apenas através da oralidade, que estão sendo escritos pelos próprios índios” (GUESSE, 2011, p.4). Assim, ter uma língua documentada é, também, ter “uma história, um discurso, uma poética” (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p. 211).

Isso possibilita o acesso à história dos *Ye'pa Masa* (Tukano) a indígenas de outras etnias e a não-indígenas. É, talvez, por essa razão que Álvaro (2017) compartilhe o seguinte pensamento:

Muitos nasceram nos momentos onde não existiam mais tradições. Eles não são culpados, mas eles têm que aprender as nossas tradições. Têm que conhecer as suas raízes. A luta indígena é essa, né? Com os assuntos novos, com as novas gerações que precisam aprender as verdadeiras lições de seu povo. Esse é o movimento indígena (TUKANO, 2017, p.15)

É assim que Tukano assume a posição de transmissor da voz ancestral de seu povo e, ao transpô-la da oralidade para a modalidade escrita, esta é convertida em uma arma em prol dos direitos dos povos autóctones, de acordo com Silva Júnior (2020). Ademais, a escrita, nesse contexto, é o artifício pelo qual “o filho do rio rego” preserva os ensinamentos tradicionais dos “velhos sábios” (TUKANO, 2017), entre eles os avós materno e paterno, com quem o autor aprendeu as [...] “histórias infantis antigas, os contos engraçados, os fatos mais importantes que marcaram a vida do vovô João” (TUKANO, 2017, p.45), bem como as [...]

“grandes solenidades tradicionais e benzimentos para curar doenças”. (TUKANO, 2017, p.46). Todas essas práticas tradicionais, fundamentais para os *Ye'pa Masa* e transmitidas há milênios por meio dos cantos e narrativas orais foram intensamente atacadas pelos missionários católicos e protestantes, bem como pelo próprio Estado, na região do rio negro. A consequência desses ataques sistemáticos resultou no enfraquecimento e quase destruição da cultura tradicional tukano, um processo traumático que o autor ressalta ao falar do avô, José BOHOÓ, um dos pajés mais importantes de sua comunidade:

O meu avô materno, José BOHOÓ, era um dos grandes pajés. Quando novo, fez todo sacrifício para ter a força espiritual e curar os doentes e proteger as aldeias. Era muito respeitado no seio de nossa sociedade. Mas, um dia, um padre italiano obrigou-o a jogar todos os instrumentos sagrados num poço fundo do rio Tiquié que ficava próximo de nosso porto na aldeia São Francisco. Foi a pior derrota de vovô, religiosamente. (TUKANO, 2017, p.55).

## 5. Conclusão

Destarte, Álvaro Tukano desempenha papel vital no âmbito da resistência indígena, por se tratar de um dos intelectuais mais importantes para a história do movimento em defesa dos povos originários. Assim, a militância de Álvaro, aqui manifesta por meio de seus textos escritos publicados na coleção *Tembetá*, tratam não somente de sua história no ativismo pelos direitos dos povos ameríndios, mas também de uma autoetnografia e, por fim, da “história de antigamente” acerca da cosmogonia Tukano, intitulada “*O Povo Ye'pa Masa: a história dos Pa'miri Masa Kiti*”. A obra estudada, produzida por meio da palavra grafada na língua do colonizador, representa um movimento de resistência em prol da cultura milenar brutalmente afetada pelos agentes eurocêntricos. Por fim, ela cumpre o desejo do avô pajé do autor de “defender essa cultura milenar” (TUKANO, 2017, p.55).

## Referências

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica; FALE UFMG, 2004.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. A literatura indígena brasileira, o movimento indígena brasileiro e o regime militar: uma perspectiva desde Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Kaká Werá e Alvaro Tukano. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 252-282, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/83424>. Acesso em: 20 out. 2020.

- GRAÚNA, Graça. Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. *Educação & Linguagem*, v. 15, n. 25, p.266-276, jan/jun. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3357/3078>. Acesso em: 13 nov. 2020.
- GUESSE, Érika Bergamasco. Da oralidade à escrita: os mitos e a literatura indígena no Brasil. In: SILEL. *Anais*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- MATOS, C. N. Textualidades indígenas do Brasil. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora; Niterói: Editora UFJF; EdUFF, 2010
- MOREIRA, Caio Ricardo Bona. Poéticas ameríndias: perspectivismo e transcrição canibal. *Revista de estudios literarios latino-americanos CHUY*, n. 6, p. 63-82, jul/2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228484135.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- MINDLIN, Betty. O fogo e as chamas dos mitos. *Estudos Avançados* [online]. 2002, v. 16, n. 44 [Acessado 12 fev. 2021], pp. 149-169. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000100009>>. Epub 11 Mar 2005. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000100009>.
- SILVA JÚNIOR, Fernando Alves da. *Tradução e Xamanismo na poética indígena*. 2020. 203 f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.
- TUKANO, Álvaro. *Coleção Tembetá*. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.
- QUARESMA, Carline Cunha Ramos. A metáfora antropofágica em Todas as vezes que dissemos adeus de Kaká Werá Jecupé. *Tusaaji: A Translation Review*. Toronto, Vol. 6, No.6. 11-26, 2018. Disponível em: <https://tusaaji.journals.yorku.ca/index.php/tusaaji/article/view/40349>. Acesso em: 20 fev.2021.

## **Resistencia política a través de la voz de Álvaro Tukano: la transmisión de saberes ancestrales**

### **Resumen**

La comprensión de las textualidades indígenas es una tarea fundamental en la lucha contra los prejuicios y la marginación de los pueblos originarios de Brasil, ya que los pueblos indígenas han sido estigmatizados y oprimidos durante siglos en el país. En este contexto, este artículo busca discutir la importancia de la colección Tembetá: voces de resistencia como una producción totalmente dirigida a los pueblos indígenas. Así, el volumen de la colección elegido para el análisis trae como protagonista a Álvaro Tukano, activista de la etnia Tukano y uno de los más grandes líderes del Movimiento Indígena.

Palabras clave: Álvaro Tukano; Colección Tembetá; Textualidades indígenas.

## **Résistance politique par la voix d'Álvaro Tukano: la transmission des savoirs ancestraux**

### **Résumé**

Comprendre les textualités autochtones est une tâche fondamentale dans la lutte contre les préjugés et la marginalisation des peuples autochtones du Brésil, car les peuples autochtones sont stigmatisés et opprimés depuis des siècles dans le pays. Dans ce contexte, cet article cherche à discuter de l'importance de la collection Tembetá: voix de la résistance en tant que production entièrement destinée aux peuples autochtones. Ainsi, le volume de la collection choisi pour l'analyse amène Álvaro Tukano en tant que protagoniste, un activiste de l'ethnie Tukano et l'un des plus grands leaders du mouvement indigène.

Mots-clés: Álvaro Tukano; Collection Tembetá; Textualités autochtones.

## **Political resistance through the voice of Álvaro Tukano: the transmission of ancestral knowledge**

### **Abstract**

Understanding indigenous textualities is a fundamental labour in the fight against prejudice and marginalization of the native peoples of Brazil, since the indigenous peoples have been stigmatized and oppressed for centuries in the country. In this context, this text seeks to discuss the importance of the Tembetá collection: voices of resistance as a production entirely aimed at indigenous people. Thus, the volume of the collection chosen for analysis brings Álvaro Tukano as the protagonist, intellectual of the Tukano ethnic group and one of the greatest leaders of the Indigenous Movement.

Keywords: Álvaro Tukano; Indigenous textualities; Tembetá collection;